

# MULHERES E LUGARES URBANOS N.10

**Emanuela Di Felice<sup>1</sup> e Marina Mecabô<sup>2</sup>**

O processo editorial da revista desenvolveu-se de forma horizontal, o que possibilitou potencializar a discussão sobre o tema e o movimento no sentido de desconstruir a monocultura do pensamento, evidente nas das rígidas estruturas da tradição acadêmica em sua forma de retratar o cotidiano na cidade e na construção do pensamento tido como subalterno. Através das intersecções entre práticas estéticas, arquitetônicas, urbanísticas, educativas e artísticas, a décima edição da Revista PIXO, comprometeu-se com a crítica ao sistema hétero- branco - patriarcal.

Num contexto urbano marcado pela relação/ negação das águas, o editorial buscou ser espaço dos corpos políticos das mulheres, o que evidencia-se na ilustração de capa e também no texto da autora convidada, a inspiradora professora Carla Ávila. A partir de seu lugar de fala, no trabalho *Intersecções Urbanas*, Carla relata o contexto da cidade de onde emerge a revista: Pelotas é Negra, Pelotas é Mulher, Pelotas é de Axé!. Relacionando a poesia com sua vivência urbana de mulher negra, a autora nos presenteia com seu olhar que interliga tradições de matriz africana com os espaços e tempos da cidade de Pelotas. Para tanto, parte de problematizações apresentadas pelo feminismo negro articulando dimensões de gênero, raça e classe.

Uma ilustração de Mariele Franco abre a sessão de artigos que inicia com o trabalho de Clara Sefair e Isadora Abreu Cutrim intitulado *A necropolítica neoliberal e as políticas de austeridade no governo de Jair Bolsonaro*, o que nos traz as questões contemporâneas sobre a política da morte e o agravamento da crise urbana em todo país. Esse cruzamento evidencia a ressonância do questionamento *Quem matou mariele?*.

Partindo de uma perspectiva onde o capital tem sido o principal definidor das diretrizes urbanísticas, o artigo *A luta por uma cidade feminista*, busca traçar as contribuições da teoria feminista marxista para discussão sobre um planejamento urbano que é reprodutor das opressões, segregação e desigualdades.

O assunto segue com o artigo *Pensamento feminista no planejamento urbano*, que apresenta um panorama sobre o desenvolvimento do pensamento feminista e da perspectiva de gênero no campo do planejamento articulado em reflexões sobre a moradia, a mobilidade, a insegurança e o lazer.

Com enfoque no papel das mulheres na luta sobre o direito a terra e a moradia,

<sup>1</sup> Professora adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Membro dos Grupos de Pesquisa CNPq Cidade + Contemporaneidade e Grupo de Estudos de Urbanismo Contemporâneo. É doutora, mestre e especialista em Arquitetura e Urbanismo pela Università degli Studi di Roma 3.

<sup>2</sup> Mestranda em Percepção e Avaliação do Ambiente pelo Usuário no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU). Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Pelotas (2017)

o artigo *Ser mulher na cidade é lutar*, olha para o feminismo como originado da luta das mulheres para se constituírem como sujeitos de direitos, inclusive sobre seu primeiro território: o próprio corpo. Traz auto-narrativas para pensar as lutas urbanas como meio de costurar uma episteme feminista apresentando três ações desejáveis: disputar a prática, disputar a teoria para, finalmente, disputar a cidade em sua materialidade.

Traçando um olhar decolonial para as questões aqui suscitadas, costurando um diálogo com autoras feministas latinoamericanas, o artigo: *Representação decolonial da resistência feminina na cidade*, discute a continuidade das formas coloniais de dominação que permanecem criando e legitimando estruturas de opressão para as mulheres.

Partimos para os trabalhos focados em contextos e relatos de casos estudos específicos. Pensando em rever o desenho paisagístico a partir do enfrentamento da desigualdade de gênero como inviabilizador do direito à cidade, o artigo e *Conceito e diretrizes projetuais para espaço democrático - manifestações artístico-culturais femininas em santa maria* é uma proposta de espaço público que busca ser qualificado e inclusivo.

Também a partir de referências arquitetônicas, *Arquitetura e a caça às bruxas*, procura novas diretrizes no âmbito da prevenção da violência contra a mulher, em um percurso histórico até a atualidade, estruturando um programa de necessidades que visa responder às diferentes formas de opressão.

*A percepção do espaço acadêmico pela ótica feminina*, enfrenta a dicotomia entre homem/espaço público e mulher/espaço privado ao longo da história e na sua contemporaneidade, o trabalho tem enfoque nos espaços de ensino do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFES.

O texto *Corpo feminino na dança e na rua*, traz o corpo na mulher no vivenciar o urbano com enfoque de pesquisa em mulheres negras que dançando se apropriam da cidade. Demarcam assim, não só áreas geográficas e marcos econômicos mas também o inesperável, o imprevisto e o oportuno, estabelecendo uma forma de micro prática e micro resistência.

Esse corpo feminino que precisa de outras narrativas possíveis, através do *Caminhar, escrever e cartografar*, é uma escrita labiríntica e coloca em pauta o corpo feminino como território onde atuam os afetos, a noção da cidade inscrita no corpo, e aquela do corpo inscrito na cidade de Lisboa.

Aprofundando-se nas relações entre mulher e espaço urbano, a arte se apresenta como forma de resistência e visibilidade, os próximos artigos narram experiências entre mulher- arte e cidade: o texto *Pelo direito de escolher*, quer discutir o design como potencial de comunicação na luta das mulheres pela legalização do aborto. Traz um resumo das últimas manifestações artísticas internacionais, e a adoção da técnica do lambe lambe e do slam poesia como arte urbana e ativismo político.

Após uma leitura aprofundada da arte urbana em um contexto específico, a autora do artigo *Pixação em maceió - al*, nos retrata a cena machista dos grafites. Este relato nos coloca no ser mulher artista, nos convencendo que é preciso dar o primeiro passo, provocar a união e mostrar nossos pontos de vista a fim de assegurar nosso lugar de fala.

Os últimos dois artigos são homenagens a duas artistas. Primeiro a grafiteira paulista

*Cristiane Monteiro*, que com a sua arte de luta de gênero e raça faz emergir uma voz negra da periferia. Finalizando a sessão, encontramos a pintora colombiana *Beatriz González*, que reinventa a linguagem artística para trazer conteúdos subversivos do período da ditadura, relatando de forma poética uma série de acontecimentos trágicos, assim como a condição da mulher em um período histórico de conflitos.

E se ainda restam dúvidas de *Por que ser feminista?* a entrevista realizada para essa edição é uma aula com a professora Andréia Moassab da UNILA. Ela inicia a conversa com a narrativa de episódios da sua vida profissional, sobre como o sistema patriarcal atravessou sua trajetória e a aproximou do feminismo, reafirmando o quanto é importante autoproclamar-se feminista antirracista, assim como reafirma a urgência de voltar-se para as questões da América Latina. Andreia discute a situação atual da Universidade brasileira, declarando sua esperança, mesmo em um cenário de retrocessos, na construção coletiva da popularização da instituição e desconstrução das normas patriarcalistas que a rege. Pensando sobre o espaço urbano, a entrevistada nomeia referências do Brasil e do mundo, exemplificando o fato de que o direito à cidade não é para todas. Mais do que isso, Andreia traz reflexões sobre as tecnologias construtivas na arquitetura, afirmando que a função social da arquitetura é de se desafiar a construir um mundo não excludente, sendo a perspectiva feminista capaz de ampliar as possibilidades de um desenho inclusivo à todos os excluídos pelo capitalismo.

A sessão parede branca da PIXO n10 parte da resenha do vídeo chamado AREAR, que contrasta resistência e fluidez e nos traz outras dimensões de lugar. MODA, ARQUITETURA E MULHERES discute a opressão originada pelas novidades desnecessárias que são impostas ao corpo feminino, além do uso indiscriminado e descarte de recursos naturais tanto no vestuário como na construção civil. CIDADE SÓ PARA HOMENS? esse é o questionamento de um trabalho que coloca luz sobre o condicionamento que as vezes passa despercebido no cotidiano da cidade, provoca a reflexão acerca dos nomes escolhidos para os espaços urbanos que, em sua maioria, têm tido a função de homenagear homens militares. Seguindo a reflexão e partindo para o agir urbano, RUA: SUBSTANTIVO FEMININO, é o relato de uma experiência que colou lambes pelo centro da cidade de Pelotas, questionando a invisibilização das mulheres no espaço público. No mesmo local, o trabalho ESTAMOS AQUI: INTERVENÇÕES URBANAS COMO FORMA DE APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DA MULHER E DA POPULAÇÃO LGBTQ+ também leva a discussão sobre os corpos refutados pelo capitalismo para o espaço público urbano. Fechando essa sessão e a edição, o trabalho RESISTÊNCIAS E CONEXÕES DESCOLONIAIS traz fotografias de experiências realizadas na UNILAB, que retratam a inspiradora força que emerge da diversidade de mulheres que ocupam esse espaço universitário singular.

Para finalizar essa edição trazemos duas resenhas. A primeira: *A rua como ganha pão*, articula o pensamento feminista brasileiro de Heleieth Saffioti com a animação *A Ganha Pão*, uma coprodução de cinco países dirigida por Nora Twomey. O texto provoca nosso olhar para o uso cotidiano do espaço público e as limitações impostas ao ser mulher urbana, traçando um paralelo com a talvez não tão distante realidade do Afeganistão. A segunda - *Mujeres, Casas y Ciudades: más allá del umbral* é um convite para ler a obra da arquiteta Zaida Muxi, colocada aqui como um fôlego dentre tantas perspectivas masculinas sobre a história, a cidade, a sociedade, a vida cotidiana e o fazer arquitetônico.

Ser feminista é um processo de tornar-se, que se constrói cotidianamente e por isso é tão importante a reunião de estudiosas proporcionada pelas edições nove e dez dessa revista. Nós somos corpos políticos, corpos entre as correntes, empurrados

e afundados, sempre emergentes, espelhos de outros horizontes em busca da reconsideração da nossa essência e fortalecimento das nossas práticas cotidianas, do saber feminino ancestral e antipatriarcal, do acolhimento e da rede de apoios mútuos. Hoje, ontem e sempre mais, mulheres de lugar de fala e de atuação direta. As revistas PIXO 9 e 10- MULHERES E LUGARES URBANOS, nascem dentro do Laboratório de Urbanismo Contemporâneo, em constante desconstrução dos paradigmas, disposto a repensar o perceber, o vivenciar e fazer cidade como artistas, arquitetas, urbanistas e cidadãs, mulheres. O editorial dessa revista está sendo um grande processo de aprendizado, que viu na participação de diferentes mulheres e no entendimento das singularidades espelhos de potencialidades maiores. Agradecemos a todas que se envolveram e acreditaram nesse projeto. Nós merecemos esse espaço e tantos outros que tomaremos sem pedir licença. O fazer conjunto de mulheres nos potencializa diariamente e aqui ressoa em páginas. Desejamos uma ótima leitura e acreditamos que a energia que move essa edição também irá contagiar vocês.